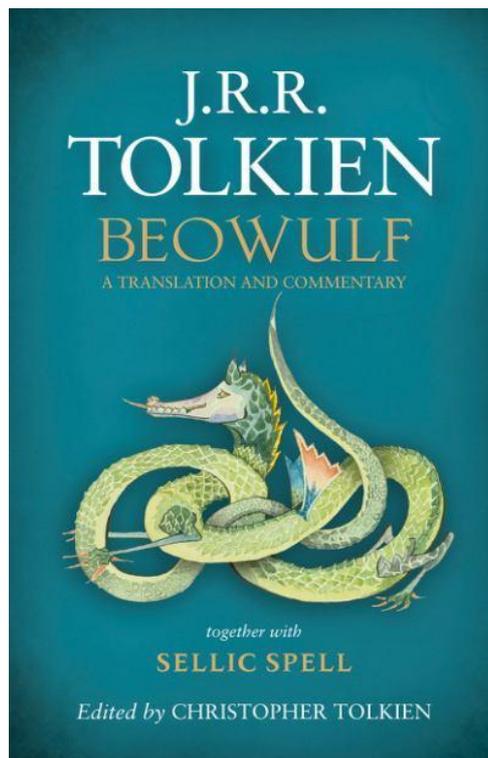




**TOLKIEN, J. R. R. *Beowulf: A Translation and Commentary together with Sellic Spell*. Londres: HarperCollins, 2014, 425 p.**

Elton O. S. MEDEIROS<sup>1</sup>



Há pouco mais de quatro ou cinco anos, salvo engano, existiam inúmeros rumores a respeito da descoberta de uma suposta tradução perdida do poema

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo – USP. *Research Fellow* da *University of Winchester* (Inglaterra). Coordenador do *NEIBRAM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo*. E-mail: [eosmedeiros@hotmail.com](mailto:eosmedeiros@hotmail.com).



*Beowulf* feita por J. R. R. Tolkien. Assim como diversos outros estudiosos do poema – e também como fã das obras de ficção do autor – fiquei muito surpreso com a notícia e ansioso para que a informação fosse verdadeira e que um dia o texto viesse a público. Afinal, é um texto de Tolkien! Por fim o boato se confirmou e em junho deste ano o *Beowulf* de Tolkien chegou às livrarias por meio da editora HarperCollins, responsável por praticamente todas as obras do autor atualmente em circulação.

Imediatamente legiões de fãs adquiriram suas cópias e assim continuam até o momento em que este texto é escrito. Entretanto, é possível notar que muitos leitores/compradores desse novo volume da “memorabilia Tolkieniana” estão muito mais interessados no livro em função deste portar o nome “Tolkien” e alguns poucos – aqueles que estão minimamente familiarizados com o conteúdo da obra – que buscam talvez por uma suposta *magnum opus* dentro dos estudos sobre *Beowulf*.

Por algo revelador sobre o antigo poema anglo-saxônico. Sentimentos esses devido à imagem de Tolkien como consagrado autor de ficção e acadêmico<sup>2</sup> e também pelo mar de outras obras relacionadas à Idade Média que de uma forma ou de outra inundam nossas vidas atualmente. Sem sombra de dúvida, a publicação do *Beowulf* de Tolkien ocorre em um momento muito oportuno para este tipo de obra. Momento em que o grande público está mais suscetível a esse tipo de material. Entretanto, faz-se necessário que tenhamos cautela e analisar com a devida seriedade a real importância desse livro.

Em nossa atualidade é claro o despertar de um novo interesse – especialmente e principalmente por parte do grande público – por elementos que de alguma forma estejam relacionados ao medievo, ou melhor, à ideia de Idade Média. Podemos encontrar evidências disso em diversas formas de mídias. Como no cinema, televisão, livros, jogos e etc. O leque de possibilidades hoje é extremamente vasto e para todos os gostos. Produtos que variam desde os mais historicamente precisos até os mais fantasiosos. Contudo, devemos ressaltar que isso não significa que anteriormente já não houvesse tal interesse. Logo, vale a pena abriremos aqui um parêntese e atentar para algumas das razões que envolvem tal interesse no presente momento. O que auxilia na compreensão dos motivos que tornam essa nova publicação em nome de Tolkien algo extremamente importante e o interesse que ela desperta pelo

---

<sup>2</sup> Seu ensaio *The Monsters and the Critics* (1936) foi um divisor de águas no campo de estudos sobre o poema *Beowulf*, revolucionando as abordagens sobre a obra.

grande público não especializado (i.e., não restrito apenas ao mundo acadêmico).

Pensando dentro do contexto histórico ocidental, este interesse atual pelo medieval – essencialmente de características europeias – remonta suas origens modernas ao início do século XIX. É durante os oitocentos que veremos na Europa o crescimento de sentimentos nacionalistas em diversas nações do continente e atrelado a isso uma busca por um passado que legitimasse as elaborações e aspirações sócio-políticas da época. Obviamente a manifestação de “resgate” e culto ao passado medieval não ficou restrito aos círculos intelectuais voltados exclusivamente à propaganda política e ideológica. Muito pelo contrário, pois acabou encontrando outros canais para se manifestar e se desenvolver; na verdade, podemos dizer que para sua eficácia sócio-política se fazia necessário sua manifestação em outras áreas. Como a literatura, a arquitetura e as artes em geral.<sup>3</sup>

Fruto então desse espírito de artistas oitocentistas, em certa medida, surgiram no início do século XX escritores como C. S. Lewis, T. H. White, J. R. R. Tolkien e outros. Que por sua vez serviram de inspiração na segunda metade do mesmo século para autores como Michael Moorcock e Frank Herbert. Chegando mais tarde a nomes como Neil Gaiman, Alan Moore, J. K. Rowling, Bernard Cornwell e muitos outros, sendo o mais famoso atualmente o nome de George R. R. Martin dentro dessa longa corrente que remete à virada do século XVIII para o XIX.

Entretanto, por muito tempo – especialmente ao longo do século XX – a produção desses autores foi marginalizada pelos críticos ligados a círculos literários e artísticos mais conservadores. Considerando tais produções como mera fantasia infanto-juvenil, marginal e desprovida de maturidade. Apesar

---

<sup>3</sup> No campo literário podemos citar e.g., na Grã-Bretanha, o clássico *Ivanboé* de Sir Walter Scott (1820); e no campo arquitetônico e artístico temos a inauguração das estátuas em memória ao rei Alfred o Grande (a primeira inaugurada em 1877 na cidade de Wantage e a segunda em Winchester no ano de 1900) e o Monumento Wallace, inaugurado em 1869, em Stirling, em memória ao líder rebelde William Wallace, como parte dos empreendimentos decorrentes do resgate histórico promovido pela elaboração de uma identidade nacional escocesa. Isso para não mencionarmos também manifestações semelhantes no Continente, como na Alemanha e Escandinávia onde teremos grupos reencenando e vestidos a caráter (dentro das concepções sobre o que seria o medieval germânico e escandinavo para eles), além de um dos maiores exemplos no campo da música através das obras de Richard Wagner e seu ciclo de óperas de *O Anel dos Nibelungos*, além de *Tristão & Isolda* e *Parsifal*.

disso, esse tipo de obra ganhou maior interesse do grande público<sup>4</sup> e o que antes era descartado como mera literatura barata para crianças e adolescentes, tornou-se ou está se tornando parte do *mainstream* literário e midiático como um todo. O que não nos surpreende que atualmente venham surgindo estudos e pesquisas dentro do ambiente acadêmico onde o foco é exatamente a análise de como esse passado (medieval) é representado nessas obras. E é neste ponto que o nome Tolkien se destaca. Uma vez que além de escritor (e por que não dizer “artista”,<sup>5</sup> em um sentido mais amplo do termo) ele também era um acadêmico voltado ao estudo do medieval. Portanto, sua percepção do passado e como ele o utilizou em suas obras é um objeto de análise extremamente interessante. Tanto pelo aspecto literário quanto acadêmico.

Voltando-nos agora especificamente a *Beowulf: A Translation and Commentary together with Sellic Spell*, falemos primeiramente dos aspectos mais técnicos do livro. A obra é dividida em oito partes, sendo estas:

- 1) Prefácio (p. vii – xiv)
- 2) Introdução à Tradução (p. 1 – 12)
- 3) *Beowulf* (a tradução) (p. 13 – 106)
- 4) Notas sobre a Tradução (p. 107 – 130)
- 5) Nota Introdutória a respeito dos Comentários sobre a Tradução (p. 131 – 136)
- 6) Comentários (p. 137 – 354)
- 7) *Sellic Spell* (p. 355 – 414)
- 8) *The Lay of Beowulf*. (p. 415 – 425)

As duas últimas partes do livro – *Sellic Spell* e *The Lay of Beowulf* – são reelaborações em prosa e em poesia, respectivamente, feitas por Tolkien usando como base os elementos contidos originalmente no poema *Beowulf*. Algo semelhante ao que ele havia realizado e que foi publicado previamente nos dois volumes desta mesma coleção da HarperCollins: *The Legend of Sigurd and Gudrún* (2009) e *The Fall of Arthur* (2013). São textos interessantes ao demonstrarem a criatividade do autor e seu cuidado e interesse por tais textos e a temática na qual estão inseridos. Lembrando um pouco as obras de ficção que consagraram o autor. Entretanto não vamos nos ater a eles, priorizando o

<sup>4</sup> Talvez devido às mudanças de acesso a informação que não existiam antes, como a internet e todo o aparato de mídias que ela proporciona?

<sup>5</sup> Vale lembrar que as ilustrações das primeiras edições de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, assim como as que estão presente agora em *Beowulf: A Translation and Commentary...*, são de autoria do próprio Tolkien.

que a nosso ver é realmente o coração desse novo livro: a tradução e os comentários a cerca de *Beowulf*.

Em 1940 J. R. R. Tolkien havia contribuído com um texto introdutório para a edição organizada pelo professor C. L. Wrenn de *Beowulf and the Finnesburg Fragment, A Translation into Modern English Prose*, de John R. Clark Hall de 1911. Neste texto – inicialmente intitulado “Prefatory Remarks on Prose Translation of *Beowulf*” e mais tarde publicado em uma coletânea por seu filho Christopher Tolkien sob o título “On Translating *Beowulf*” – Tolkien deixa claro que sob seu ponto de vista a melhor forma de se traduzir um texto como o poema *Beowulf* seria a prosa.

Ele enumera diversas razões para isso, mas dentre as principais seria: a dificuldade de reproduzir a forma poética do original no inglês moderno sem deturpar o sentido original da obra e em como a prosa facilitaria a compreensão da narrativa para aquele que estaria tomando seu primeiro contato com a obra ou para aquele que não possuísse uma maior familiaridade com o texto. Esta sua convicção torna-se clara agora ao tomarmos contato com sua tradução, uma vez que ela se encontra totalmente em prosa.

Entretanto, o texto publicado apresenta certos problemas. Ao longo da margem lateral da tradução foi inserida uma numeração. Contudo, tal numeração não tem qualquer referência aos versos do *Beowulf* em inglês antigo, mas está apenas indicando o número de linhas do texto de Tolkien. Em suma, tal numeração de linhas serve apenas para a consulta e referência ao próprio texto de Tolkien, uma vez que ela não faz o menor sentido quando em paralelo com o poema original. Por exemplo: Quando o herói Beowulf chega à costa da Dinamarca juntamente com seus homens ele é interpelado pela sentinela do rei Hrothgar, que lhes pergunta quem são e de onde vem. Este diálogo ocorre entre os versos 237 – 258 do poema. Já na tradução de Tolkien, como foi publicado, tal diálogo ocorre entre as linhas 193 – 209. A princípio, para o leitor leigo, isso pode não parecer um grande problema. Todavia, para o leitor que deseja se aprofundar na obra e utilizar essa tradução para cotejar o original vai se deparar com um desafio de atenção e paciência.

Quanto à tradução em si, poderíamos dizer que esta seria a ponta do iceberg da problemática que envolve a publicação do livro neste ano de 2014. Tolkien conhecia muito bem o inglês antigo, especialmente quando usado na poesia, e as dificuldades de vertê-lo ao inglês moderno. Entretanto, mesmo optando pela prosa, sua tradução é feita de escolhas pessoais que nem sempre podem

ser consideradas bem-vindas para muitos estudiosos e tradutores da obra nos dias de hoje.<sup>6</sup> É possível notar que o texto do *Beowulf* de Tolkien é marcado por sua época e o mundo que cercava seu autor. O que é absolutamente natural em qualquer tipo de trabalho como esse. Não é difícil notar que a tradução de Tolkien muitas vezes se distancia do ambiente original da obra – o mundo mítico norte-europeu nórdico e anglo-saxônico dos séculos V ao X – e se aproxima do linguajar do universo lendário arthuriano presente em obras como as de Thomas Malory e, por exemplo, em *Sir Gawain e o Cavaleiro Verde*.<sup>7</sup> Tomemos como exemplo a passagem dos versos 631 – 638 do poema original (linhas 513 – 519 da tradução de Tolkien):

Thus Beowulf, son of Ecgtheow, spake: “This did I purpose when I went up upon the sea and sat me in my sea-boat amid my company of knights, that I wholly would accomplished the desire of your people or would fall among the slain fast in the clutches of the foe. A deed of knightly valour I shall achieve, or else in this mead-hall await my latest day!”<sup>8</sup>

Vemos nessa passagem um cenário de cavaleiros (*knights*), de virtudes e honra cavaleiresca (*knightly valour*)<sup>9</sup>; algo absolutamente anacrônico frente ao universo do herói Beowulf. Outro exemplo de como Tolkien realizou suas escolhas de tradução pode ser visto a respeito do termo *bronrade*. Do inglês antigo, o termo significa literalmente “whale road” [“caminho da baleia”]<sup>10</sup>, uma metáfora – um *kenning* – da poesia norte-europeia medieval (especialmente anglo-saxônica e nórdica) para se referir ao mar, que surge logo no início do poema ao relatar os feitos do rei Scyld Scefing quando este derrotou todas as tribos inimigas que se encontravam junto à costa, i.e., ao longo “do caminho da baleia”. Contudo, Tolkien opta por traduzir o termo como “over the sea where the whale rides” [“sobre o mar onde a baleia viaja”]. Como fica claro,

<sup>6</sup> E nem mesmo pelo próprio Tolkien, como veremos em breve.

<sup>7</sup> Sobre o qual J.R.R. Tolkien escreveu uma conferência apresentada na Universidade de Glasgow em 1953.

<sup>8</sup> TOLKIEN, 2014, p. 31.

<sup>9</sup> No original em inglês antigo *seca gedriht* (“companhia de homens/guerreiros”) foi traduzido por Tolkien como “company of knights” (“companhia de cavaleiros”); enquanto *eorlic ellen* (“ato nobre de coragem”) foi traduzido como “deed of knightly valour” (“ato de valor cavaleiresco”).

<sup>10</sup> Tanto no dicionário de inglês antigo de J. R. Clark Hall (1894) quanto no de Bosworth-Toller (1898) a definição para *bronrade* é “whale road” [“caminho da baleia”]. A edição de F. R. Klaeber de *Beowulf* (1922) também traz a mesma definição; assim como – apenas para citar alguns exemplos – nas traduções para o inglês moderno feitas por Howell D. Chickering Jr. (1977), Seamus Heaney (2000), R. M. Liuzza (2000), R. D. Fulk (2010). Em todas *bronrade* é traduzido como “whale road”.

ele optou pela desconstrução da metáfora em seu texto. Perdendo assim um pouco do lirismo original em prol de maior clareza do texto. Contudo, a explicação para essa escolha é:

That is the picture and comparison the kenning was meant to evoke. It is not evoked by ‘whale road’ – which suggests a sort of semi-submarine steam-engine running along submerged metal rails over the Atlantic.<sup>11</sup>

Aos conhecedores de sua biografia, a visão de Tolkien está intrinsecamente marcada pelo século XIX e a aversão do autor a todo processo de mecanização e industrialização desenfreada da sociedade britânica da virada do século, elemento presente e claro em suas obras de ficção. Mesmo assim, sua explicação para a tradução do termo causa no mínimo estranheza e beira o pedantismo. Dificilmente, nos dias de hoje, um estudioso de *Beowulf* faria tal comparação absurda entre o *kenning* do poema e um possível trem submarino movido a vapor, correndo sobre trilhos pela costa da Dinamarca da Alta Idade Média.

Em função desses fatores presentes em *Beowulf: A Translation and Commentary* é difícil dar um único parecer sobre o trabalho de Tolkien recém-publicado. O mais correto, talvez, seja analisar o livro em relação aos diferentes públicos que entraram e entrarão em contato com a obra. Nesse caso, é possível identificar três tipos básicos de público interessado: a) admiradores de Tolkien, b) acadêmico pesquisador da obra e biografia do autor e c) acadêmico especializado (principalmente medievalista).

Antes de continuarmos, devemos nos ater a alguns fatos importantes. Primeiramente, Tolkien concluiu sua tradução de *Beowulf* em 1926<sup>12</sup> e apenas agora – oitenta e oito anos depois – ela está sendo publicada. Apesar de a tradução ter sido concluída ela nunca foi “finalizada”. E ao que tudo indica nunca foi a intenção de Tolkien publicá-la. Uma das razões seria o perfeccionismo do autor e sua incapacidade de encontrar uma versão definitiva que lhe agradasse, como ele explica em uma carta ao colega Kenneth Sisam, datada do mesmo ano: “I have all Beowulf translated, but in much hardly to my liking. I will send you a specimen for your free criticism – though tastes differ, and indeed it is hard to make up one’s own mind...”<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> TOLKIEN, 2014, p. 143.

<sup>12</sup> Tolkien, que já lecionava na Universidade de Oxford, tinha por volta de 34 anos.

<sup>13</sup> TOLKIEN, 2014, p. 2.

Isso poderia explicar muitas das “imprecisões” e o estilo antiquado, até mesmo obsoleto, que algumas vezes se encontra no texto. O que também se explica, obviamente, pelo fato de que esta não é a versão que Tolkien gostaria de um dia, quiçá, ter visto publicada. E é este o grande e principal problema a respeito desse livro.

A publicação de *Beowulf: A Translation and Commentary* traz consigo o mesmo problema que os dois volumes que o antecederam – *The Legend of Sigurd and Gudrun* e o *The Fall of Arthur* – e, nos estendendo mais no passado, até mesmo às demais obras póstumas do autor já publicadas. Todas possuem em comum o fato de que elas não ocorreram sob os auspícios de seu autor e todas, sem exceção, foram editadas por seu filho Christopher Tolkien. Fato que não é nenhum segredo, mas que é importante de se ressaltar sempre. E nesse novo volume sobre *Beowulf* o próprio Christopher deixa muito bem claro seu papel como editor da obra do pai e as implicações disso.

Como mencionado anteriormente, ao falarmos das partes que compõe o livro, a tradução de Tolkien é seguida de notas explicativas e comentários. Os comentários – como é explicado por Christopher Tolkien no prefácio e na introdução – fazem parte de textos de aulas e anotações de seu pai coletados ao longo de sua carreira. Portanto, elas, originalmente, não faziam parte do “plano original” de Tolkien para sua tradução de *Beowulf*. E ao explicar como e quais comentários foram escolhidos para cotejar a tradução é que Christopher deixa clara sua função na organização do volume:

(...) the commentary as here presented is and can only be a *personal selection* from a much larger body of writing, in places disordered and very difficult, and strongly concentrated on the earlier part of the poem (...) And I have not myself related his views and observations to the work of other scholars before him or after him.<sup>14</sup>

Voltemos aos três tipos de público ao qual o livro interessa. Falemos primeiramente sobre o público mais especializado dos três: o acadêmico (medievalista). Como esperado, para esse público a tradução de Tolkien foi extremamente polêmica e recebeu o maior número de críticas negativas. Em uma matéria ao *New York Times*<sup>15</sup> de maio desse ano, por exemplo, – antes mesmo do lançamento oficial do livro – os acadêmicos consultados se

<sup>14</sup> TOLKIEN, 2014, p. xi – xii.

<sup>15</sup> Disponível em << <http://www.nytimes.com/2014/05/19/books/jrr-tolkiens-translation-of-beowulf-is-published.html?ref=books& r=1> >> (acessado em 04/06/2014).

dividiam entre os que ainda esperavam (com certo ceticismo) para ver o impacto que a publicação teria no meio acadêmico e aqueles que desde então a reprovavam categoricamente.

Para o professor Daniel Donoghue (Universidade de Harvard) Tolkien tinha pleno conhecimento dos problemas que envolvem a linguagem poética do inglês antigo, e por isso – segundo ele – a suspeita do autor em verter o original numa tradução poética moderna e a publicação de sua própria tradução na época. Já outros, como Kevin Kiernan (professor emérito da Universidade do Kentucky), alegam que Tolkien nunca teria permitido a publicação de seu texto e que caso soubesse o que iria acontecer provavelmente teria dado um fim a ele.

O argumento do professor Kiernan para isso baseia-se no fato de que a maior parte dos pesquisadores e estudiosos a respeito da Alta Idade Média inglesa (especificamente estudos ligados à Inglaterra anglo-saxônica), em algum momento de suas carreiras – principalmente ao iniciarem seus estudos – tentam realizar suas próprias traduções de *Beowulf*. Se não na íntegra ao menos de trechos, como forma de estudo do idioma e para compreenderem melhor o poema. Contudo isso não significa que tais traduções, assim como a de Tolkien, mereçam ser expostas a um grande público; já que se trata apenas do resultado de uma prática pessoal de estudo. Nesse sentido professor Kiernan chega mesmo a dizer que a publicação da tradução de J. R. R. Tolkien é um desserviço ao autor, à sua memória e suas conquistas como artista.

Em certa medida Kevin Kiernan tem razão, do ponto de vista acadêmico e como especialista sobre o poema. Ainda que ao dizer que a publicação do *Beowulf* de Tolkien é um “desserviço” seja um pouco de exagero. Contudo, infelizmente, para o público acadêmico voltado a estudos medievais, o livro realmente tem muito pouco a oferecer. Como podemos ver na citação anterior de Christopher Tolkien, não houve qualquer tipo de atualização do conteúdo do livro em relação a trabalhos que antecederam ou que vieram após Tolkien.

Logo, temos em mãos um livro com uma tradução e comentários que está congelado no tempo por quase nove décadas. Literalmente um fóssil dentro da academia, uma vez que durante esse tempo inúmeras pesquisas e estudos foram desenvolvidos, artigos e livros publicados e centenas de outras traduções concluídas e disponíveis no mercado editorial; muitas delas muito mais aprazíveis e melhor finalizadas que a de Tolkien. Muito dificilmente a



tradução de Tolkien e seus comentários ganharão um lugar de destaque dentro dos “estudos beowulfianos”, uma vez que ele pouco contribui para o atual campo de pesquisa da obra. Onde o livro servirá apenas como uma curiosidade, talvez até um tanto despropositada.

Enquanto para o público acadêmico especializado a tradução de Tolkien tem pouco a oferecer, para outro tipo de público acadêmico – voltado ao estudo da biografia do autor – ele tem grande valia. Assim como outros de seus trabalhos, o *Beowulf* de Tolkien é extremamente importante para a compreensão e a visualização de seu processo criativo e em como tais obras do passado norte-europeu serviram como base para o nascimento de suas obras de ficção. No caso de *Beowulf* é clara sua influência para a concepção da trama principal do livro *O Hobbit*: um dragão que há muito se apossou de um tesouro nas entranhas da terra e que, ao ter seu covil violado por um furtivo ladrão, desperta, espalhando terror e fogo sobre todos que vivem ao seu redor até que seja finalmente derrotado. Isso para citarmos apenas um exemplo dentre as demais obras de Tolkien.

Assim, esta nova publicação torna-se mais uma peça dentro do mosaico que compõe a vida e a obra de seu autor e, por meio desse enfoque, não apenas esse texto como outros que ainda fazem parte do espólio de Tolkien e que ainda são inéditos não apenas seriam muito bem recebidos como deveriam ser publicados o quanto antes (haja vista que seu guardião, Christopher Tolkien, já é um homem que beira os oitenta e nove anos de idade).

Por fim, chegamos ao terceiro público alvo do livro: os fãs de Tolkien. Para estes, sem sombra de dúvida, a publicação desse novo volume do mesmo autor de *O Senhor dos Anéis* é muito mais do que bem-vinda. Além de ser mais uma joia para o acervo da “memorabilia Tolkieniana”, talvez o maior mérito para os fãs de forma geral seja a publicação dos textos *Sellie Spell* e *The Lay of Beowulf* que eram inéditos até então.

Além disso, pode-se dizer que de todos os públicos alvos supracitados esse seria o principal. Não devemos ser ingênuos. O livro foi claramente preparado e editado visando o público leigo em geral. Tanto os herdeiros de Tolkien quanto seus editores sabem que qualquer coisa que leve o nome “Tolkien” será rentável, pois sempre haverá fãs ávidos em adquirir qualquer coisa ligada a seu querido e idolatrado autor. Todavia, há de se admitir, ao mesmo tempo essa também é uma excelente forma de assegurar e perpetuar a reputação literária e acadêmica de J. R. R. Tolkien. O que pode ser resumido através das

rem

Bento Silva SANTOS (org.). *Mirabilia 20* (2015/1)  
Arte, Crítica e Mística – Art, Criticism and Mystique

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

palavras finais do prefácio de Christopher Tolkien: “The present work should best be regarded as a ‘memorial volume’, a ‘portrait’ (as it were) of the scholar in his time, in words of his own, hitherto unpublished”.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> TOLKIEN, 2014, p. xiii.